

Acções dos bandidos armados relatadas pelas suas vítimas

• Reunião decorreu na Escola Noroeste 1, em Maputo

Três trabalhadores dos Caminhos de Ferro de Moçambique-Sul, que foram vítimas de ataques dos bandidos armados, descreveram, ontem, as acções de que foram alvos pelo inimigo, num encontro realizado na Escola Secundária Noroeste 1, com uma assistência de cerca de cinco mil jovens das escolas Noroeste 1 e 2. Naquela reunião os estudantes puderam, igualmente, compreender a importância que se deve dar às tarefas de preparação para o combate contra os bandidos armados.

Os cinco mil continuadores puderam tomar conhecimento das actividades negativas do banditismo armado e manifestaram repetidamente o seu repúdio pelas ac-

ções cujo relato estavam a ouvir. O primeiro sobrevivente dos ataques dos bandidos armados ao tomar a palavra foi David Paulo Guijone, maquinista dos Caminhos de Ferro de Moçambique-Sul. Este trabalhador disse que sofreu um ataque no dia 28 de Dezembro de 1981, quando se encontrava a dirigir o comboio de passageiros de Maputo a Chicalualuaia.



Os milhares de jovens estudantes seguiram com muita atenção a exposição de ataques dos criminosos, feita pelos oradores

Quando chegámos ao Km. 274, na linha da Manhiça, fomos emboscados por bandidos armados, que cercaram o comboio dos dois lados. Fiquei bastante preocupado, tanto mais que o comboio ia cheio de gente, entre crianças, velhos e mulheres — afirmou David Paulo, tendo acrescentado: — Após alguns momentos de perturbação, quando olhei para o meu lado reparar que o meu colega de serviço estava estatelado na cabine, a sangrar. Tinha sido atingido com uma bala na cabeça. Logo em seguida larguei os comandos e tentei proteger-me da chuva de balas, algumas das quais atingiram o motor da locomotiva que, acto contínuo, parou.

David Paulo disse que, em consequência deste ataque, houve muitas mortes. Disse que o objectivo dos atacantes era desbaratar o comboio e depois saqueá-lo. Contou que após alguns instantes de perturbação, em que ele próprio fugiu para o mato, apareceram elementos das FPLM.

Contudo antes de aparecerem os nossos soldados, eu resolvi que devia voltar para o comboio e socorrer os passageiros. Com a aparição das nossas Forças, os bandidos puseram-se em debandada e eu então tentei pôr em funcionamento a máquina, que obedeceu.

Acrescentou que, depois, seguiram a vagem, desta feita sob a cobertura das FPLM, que iam à frente do comboio e este numa marcha lenta.

Tivemos muita sorte em lerem aparecido as FPLM, pois caso contrário teríamos tido um fim muito mais drástico. Isto porque poucos quilómetros depois de retomarmos a viagem, as FPLM detectaram uma mina que se encontrava na linha em que seguíamos — adiantou.

Aquele sobrevivente referiu a primeira coisa que fez, após todos aqueles acontecimentos, foi levar os mortos e os feridos para o hospital — relato este escutado com emoção e ran-

do que a primeira coisa que aconteceu. Contudo, disse, ao atingirmos o local em que se encontrava o segundo grupo, vimos que na ponte tinha sido colocado um engenho explosivo e não tivemos tempo para mais nada. Assim, os bandidos escondidos, accionaram a mina e a locomotiva sacudida pela explosão precipitou-se para o fundo da ravina. Felizmente, não houve mortes, mas alguns dos passageiros sofreram várias escoriações em todo o corpo.

António Mondiane acrescentou que depois disto tentaram fugir mas os bandidos impediram-lhes a retirada.

Posto isto, sempre fomos tentando a fuga e muitos conseguiram, caminhando depois de Magude até Bilene Macia — afirmou. Disse ainda, a finalizar as suas declarações, que continuará a trabalhar, pois, a Luta Continua; podemos morrer, mas sabemos que vocês serão os futuros combatentes, os futuros maquinistas, não é? — acrescentou ainda António Velloso, falando muito especialmente para os alunos, que se encontravam acompanhados pelos respectivos professores.

Terminado o seu depoimento, António Velloso fez ainda uma exposição aos estudantes da importância que tem um comboio para a nossa economia, exemplificando: — Um comboio é muito importante para nós. Vejamos só que uma locomotiva equivale a 12 machibombos; um vagão equivale a oito



A juventude ouviu com o máximo interesse os factos que lhes foram contados

camións cheios de farinha de milho. Agora imaginem, quanto perdemos cada vez que os bandidos armados atacam um comboio.

Foi a vez, então, de António Velloso Mondiane, outro maquinista dos Caminhos de Ferro de Moçambique e igualmente sobrevivente de um ataque dos bandidos armados. O interesse dos jovens em ouvir as descrições dos ataques foi crescendo e António Mondiane deu início à sua alocução, nos seguintes termos: — Eram 14 horas do dia 26 de Março passado, quando fazíamos o trajecto Magude-Mabalane e em cima de uma ponte em que estávamos a passar, avistámos os bandidos armados. Estavam dispostos em três grupos, prontos a fazer fogo cruzado.

PODEMOS MORRER ... VOCÊS CONTINUARÃO

Afirmou que, ao passarem pelo

Em seguida falou um outro maquinista dos CFM-Sul e que também foi alvo dos bandidos armados, quando se encontrava a dirigir uma locomotiva, Alexandre Zacarias Uamusse, disse ter sido atacado depois da Manhiça, ao Km. 105, quando estava a conduzir um comboio de passageiros, no dia 21 de Abril deste ano.

Eram cerca das vinte horas e cinco minutos, quando, de repente, nos apareceram pela frente dois grupos de bandidos. O primeiro começou a disparar contra as carruagens, enquanto o segundo disparava, certo, contra a máquina do comboio. Tivemos sorte, eu e os meus dois colegas, que estávamos na cabine da máquina, porque esta não foi atingida; acertaram directamente na

geral dos crimes praticados pelos bandidos armados e explicou aos estudantes a importância e a necessidade de todos os cidadãos se prepararem para estarem prontos a combater e eliminar os malfeteiros.

... ELES TAMBÉM ESTÃO CONTRA VOCÊS

O capitão Ilídio Hombé explicou que os bandidos armados não formam um exército nem sequer movem uma guerra aberta às FPLM, pois eles só atacam civis e destroem bens da população.

Contou ainda alguns episódios curtos para ilustrar este aspecto afirmando que os bandidos chegam a uma povoação e de repen-



Um dos sobreviventes de ataques dos bandidos armados, narrando as circunstâncias do ataque de que foi alvo

parte do motor — começou assim o seu depoimento, Alexandre Zacarias Uamusse.

Mais adiante afirmou que atingido o motor, o comboio perdeu a força e imobilizou-se, em seguida.

Então, eu e os meus colegas saímos sem saber para onde ir. Corremos para a estação que estava próxima do local e, quando olhámos para trás, o comboio já estava a arder, incendiado pelos malfeteiros — disse aquele sobrevivente, prosseguindo: Felizmente, tínhamos na estação mais uma máquina que não foi atingida e com a qual, seguimos para a Estação de Magude — rematou Alexandre Uamusse.

Depois dos três depoimentos dos sobreviventes dos bandidos armados, os jovens que enchiam por completo o salão de jogos da escola, desejavam ainda conhecer mais histórias dos bandidos, o que foi satisfeito, de uma outra forma, pelo capitão das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), Ilídio Hombé.

Este, num diálogo aberto e franco com os continuadores fez por sua vez uma exposição mais

te, lançam fogo contra uma cantina, onde nem sequer há militares nem milicianos, e às vezes nem o proprietário da loja.

Sobra a necessidade de toda a população se preparar para a defesa da pátria, o orador disse que os continuadores também se devem preparar, pois os bandidos também estão directamente contra vocês.

Vocês sabem que eles, no exercício das suas actividades negativas também atacam escolas, onde estão crianças como vocês, onde estudam como vocês. Por isso vocês também se devem preparar para combatê-los. Não é assim? — perguntou o capitão Ilídio Hombé, para depois ouvir um é, sim! sonante dos estudantes.

TAMBÉM ESTAMOS PRONTOS

Perante aquelas exposições das actividades criminosas dos bandidos armados, os jovens manifestaram também o seu total e aberto repúdio aos bandidos armados e com grande vigor prontificaram-se a submeter-se aos treinos para a luta contra os criminosos.

Nos também iremos acabar com os bandidos armados! — disseram em uníssono, os milhares de estudantes aí presentes.

No decorrer daquele encontro, os alunos tiveram oportunidade, igualmente, de apresentarem diversos números da nossa cultura, onde nas canções entoadas, os jovens reafirmavam também a sua prontidão para a preparação militar.

Estiveram presentes naquela reunião, José Neves Maluleca, Secretário da Organização da Juventude Moçambicana na cidade de Maputo, Valgy Tricamogy, da Sede do Comité do Partido da cidade, para além dos directores das duas escolas.



Antes dos depoimentos das vítimas dos bandidos, os estudantes apresentaram diversas actividades culturais